

Convite à apresentação de comunicações

Capacitação financeira das mulheres na África rural
Abordagens sociológicas

Universidade de Moundou, Chade
29, 30 e 31 de janeiro de 2026

O controlo dos recursos financeiros, um importante instrumento de dominação masculina (Gollac & Bessière, 2020), pode também tornar-se uma alavanca para transformar o patriarcado. O empoderamento financeiro das mulheres, visto como o acesso crescente aos recursos económicos e à tomada de decisões sobre a sua utilização, pode tornar-se um meio de reduzir a desigualdade de género. O exemplo do avanço dos direitos das mulheres após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais na Europa é uma ilustração canónica do papel da atividade profissional das mulheres - e do salário que daí retiram - na mudança social e na redução das desigualdades de género. Os inquéritos estatísticos actuais mostram que os casais em que as mulheres ganham mais do que os seus companheiros são aqueles em que as desigualdades na divisão das tarefas domésticas são menores (INSEE, 2000). No entanto, esta redução da diferença deve-se mais a uma diminuição das tarefas desempenhadas pelas mulheres do que a um aumento das tarefas desempenhadas pelos homens.

Na África Ocidental, Laure Moguerou et al (2019), Norbert Kpadonou et al (2016) e Bilampoa G. Thobiano (2018) mostraram efeitos relativamente semelhantes, mas muito mais moderados, do aumento do trabalho económico das mulheres na organização doméstica dos casais que vivem nas cidades. Qual é a situação nas zonas rurais, onde as construções sociais tradicionais de género restringem o acesso das mulheres aos recursos económicos e à tomada de decisões em maior medida do que nas cidades, e onde, mais do que em qualquer outro lugar, as mulheres enfrentam obstáculos no acesso à propriedade, ao crédito e às oportunidades de empregos em dinheiro?

Na África rural, vários indicadores sugerem que as mulheres estão a ter mais acesso a recursos económicos do que no passado. Graças a níveis de educação mais elevados, têm agora maior acesso a empregos mais estáveis e mais bem remunerados - alguns dos quais são assalariados. Para além das formas tradicionais de crédito, como as tontinas, que as mulheres africanas organizam há muito tempo, novas iniciativas de microfinanciamento visam reforçar o seu acesso ao crédito para criar ou desenvolver microempresas (Guérin, 2008 e 2017). Várias ONG internacionais desenvolvem projectos de apoio a actividades geradoras de rendimentos para as mulheres, com diferentes graus de sucesso (Gning, 2023). Do mesmo modo, a difusão dos smartphones e dos serviços em linha, nomeadamente para os pagamentos (como o desenvolvimento e a rápida difusão do Mobile Money em todo o continente), também contribuem para esta dinâmica, reforçando a individualização do controlo dos recursos (as mulheres africanas não costumam juntar os seus recursos aos dos maridos). Além disso, a migração de retorno (das cidades para o campo, ou do campo com elevado potencial económico para o campo com baixo potencial) contribui para a difusão de comportamentos que ajudam a reconfigurar as relações entre homens e mulheres em termos de controlo dos recursos e da gestão do agregado familiar nas zonas rurais.

Uma série de estudos recentes documentou estas diferentes formas de empoderamento das mulheres no contexto da África rural: exploração comercial de culturas “só para mulheres” (Diatta et al., 2023) ou, pelo contrário, de culturas mais tradicionais como a mandioca (Amoa et al., 2023); iniciativas de registo de terras (Rouamba et al, 2020) ou a formalização jurídica das organizações de mulheres, com a abertura de contas bancárias (Touré & Kassoum, 2023); iniciativas de incentivo financeiro (Chekrouni, 2023) ou a criação de fundos de garantia (Kone-Barry, 2019); o apoio empresarial do Estado (Ouattara, 2020) ou, mais prosaicamente, o desenvolvimento do acesso à Internet (Kegnide & Vodouhe, 2023). Se todas estas iniciativas destinadas a dar às mulheres acesso a recursos económicos conduziram, com diferentes graus de sucesso, a um aumento da sua autonomia económica, que impacto têm nas relações com os cônjuges em termos de partilha de tarefas e decisões, particularmente as relativas aos filhos? Quais são as resistências e as reticências à mudança neste domínio?

As comunicações esperadas para esta conferência centrar-se-ão na reconfiguração das relações de género provocada por situações de autonomia financeira das mulheres. Poderão também, ainda com base em situações de autonomia financeira das mulheres, debruçar-se sobre a violência de género e/ou as estratégias de manutenção ou mesmo de reforço de estereótipos e discriminações de género que impedem a redução das desigualdades. Poderão, assim, abordar as configurações sociais em que as relações de género são mais conflituosas, bem como aquelas em que se registam progressos concretos e em que as dinâmicas de empoderamento financeiro das mulheres são efetivamente acompanhadas por uma redução das desigualdades estruturais de género. Por último, os trabalhos podem abordar a questão do “desenvolvimento feminino”, por exemplo, analisando o facto de as mulheres investirem mais frequentemente do que os homens na saúde, na educação e no bem-estar das suas famílias: será que isto gera formas alternativas de desenvolvimento, diferentes das impulsionadas pelos homens?

As contribuições podem ser apresentadas no âmbito das seguintes secções:

Eixo 1: O papel dos governos e das ONG na promoção do empoderamento económico das mulheres rurais.

Eixo 2: Empreendedorismo agrícola coletivo e organizações de mulheres para o empoderamento financeiro das mulheres.

Eixo 3: Violência baseada no género e/ou estratégias de manutenção do patriarcado na África rural.

Eixo 4: Educação/formação para homens e mulheres: investimentos específicos? Diferentes modelos de desenvolvimento?

Bibliografia

- Amoa C., Amlan E., Adon K. et Okou K.N., La place du manioc dans l'autonomisation des femmes de Bonoua (Côte d'Ivoire), *SCIREA Journal of Sociology* 7.6, 2023, 481-500.
- Chekrouni N., Autonomisation des femmes au Maroc: un potentiel incontournable pour le développement, *Maghreb-Machrek* 59.1, 2023, 25-35.
- Diatta C.S. et al., Carapa procera, femme et économie des ménages dans les communautés diola de la Basse Casamance, Sud du Sénégal, *Afrique et Développement* 48.3, 2023, 75-104.
- Gning, S., Joseph, G. & Sene, M., Discours religieux et pratiques d'entrepreneuriat féminin au Sénégal : controverses autour de l'autonomisation des femmes. *Religiologiques*, (45), 2023, 161–189.

- Guérin, I., Du Pouvoir, De L'argent et de L'amour ! Les Ressorts Cachés de L'empowerment. *Cahiers du Genre*, 63(2), 2017, 121-144.
- Guérin, I., L'argent des Femmes Pauvres : Entre Survie Quotidienne, Obligations Familiales et Normes Sociales. *Revue Française de Socio-Économie*, 2(2), 2008, 59-78.
- Gollac S. et Bessière C., *Le genre du capital*, La Découverte, 2020.
- Gomez-Perez M. (ed.), *Femmes d'Afrique et émancipation : Entre normes sociales contraignantes et nouveaux possibles*. KARTHALA Editions, 2019.
- INSEE, *Enquête Emploi du temps*, 2010.
- Kandil L., Périer H., traduit par Richou C., Partager les tâches domestiques ? La division du travail dans les couples selon le type d'union en France, 1985-2009. *Population*, Vol. 76(1), 2021, 155-191.
- Kegnide E.R. et Fifanou G.V., Facteurs socio-économiques influençant l'autonomisation des femmes en milieu rural au Bénin, *Revue Française d'Economie et de Gestion*, 2023, 4.11.
- Kone-Barry H., Le fonds de garantie, une approche solidaire pour l'autonomisation financière de la femme rurale burkinabè, *CTA Experience Capitalization Series*, 2019.
- Kpadonou N., Adjamagbo A., Gastineau B. et Toudeka M-R, « Cycle de vie des couples et partage des tâches domestiques au sein des couples à Cotonou et Lomé » in Pennec S., Girard C., Sanderson J-P. (éd.), *Trajectoires et âges de la vie. Association internationale des démographes de langue française*, 2016.
- Moguéro L., Vampo C., Kpadonou N., Adjamgbo A., Les hommes au travail... domestique en Afrique de l'Ouest L'effet modéré des reconfigurations du travail féminin sur les masculinités à Dakar et à Lomé. *Cahiers du Genre*, n° 67, 2019/2, 97-119.
- Ouattara M. L. Entrepreneurat féminin et autonomisation économique des femmes commerçantes en Côte d'Ivoire: une approche historique, *Documents de recherche de l'observatoire de la francophonie économique (DROFE)*(14), 2020.
- Pailhé A. et Remillon D., Évolutions des calendriers démographiques et répartition des tâches domestiques. *Céreq Essentiels*, N° 4(1), 2022, 75-85.
- Ponthieux S. et Schreiber A., Dans les couples de salariés, la répartition du travail domestique reste inégale, *Données sociales INSEE*, 2006, 43-51.
- Roy D., L'argent du « ménage, qui paie quoi ? », *TGS*, 2006, n°15.
- Rouamba Bowendsom C.V., Kiswendsida M-M., Pouya O. et Yacouba Tengueri Z. Attestation de possession foncière rurale et autonomisation économique des femmes, une étude de cas des femmes bénéficiaires dans la commune de Cassou (Burkina Faso), *Réflexions sur le développement durable en Afrique : Sous l'angle des lettres et des sciences humaines et sociales*, 2020.
- Senécal-Lirette V., Calvès A., Binetou Dial F. et Marcoux R. (dir.), *Nouvelles dynamiques familiales en Afrique*, Québec: Presses de l'Université du Québec, 2018, 419 pages.
- Thiombiano B.G., "Le travail et la famille en milieu urbain : un défi pour les femmes à Ouagadougou", in Calvès A. et al (eds.), *Nouvelles Dynamiques Familiales En Afrique*, 1st ed., Presses de l'Université du Québec, 2018, 155-82.
- Touré A., Ségbé G-R. Ballé, et Traore K., Des actions d'appui aux groupements de femmes dans la région de Poro (Côte d'Ivoire), *Afrique contemporaine* 275.1, 2023, 137-155.

Comité Científico (por ordem alfabética)

Vincent de Paul Allambademel, Maître de Conférences, Université de Moundou, Tchad.

Diddy Kondjo Brossala, Professeur Titulaire, Instituts UCAC, Moundou, Tchad.

Alizée Delpierre, chargée de recherche, CNRS/Printemps.

Isabelle Droy, chargée de recherche, IRD.

Benoit Gaudin, Maître de Conférences, HDR, UVSQ/Laboratoire Printemps.

Christine Hamelin, Maîtresse de conférences, UVSQ/Printemps.

Salomon Kelgue, Maître-Assistant, Université de Moundou, Tchad.

Jean Claude Kouladoum, Agrégé d'économie, Université de N'Djamena, Tchad.

Marie Lesclingand, Prof de socio-démographie, Université Côte d'Azur/URMIS

Laure Moguerou, Maîtresse de conférences, Université Paris Nanterre/Cresppa.

Giscard Nérade, Maître-Assistant, Université de Moundou, Tchad.

Cheikh Sadibou Sakho, Maître de Conférences, Université Gaston Berger, St Louis, Sénégal.

Gabrielle Schütz, maîtresse de conférences HDR, UVSQ/laboratoire Printemps.

Mahamet Timera, Prof de sociologie, Université Paris Cité /URMIS.

Adamou Yérima, Maître-Assistant, Université de Moundou, Tchad.

Comité organizador (por ordem alfabética)

Vincent de Paul Allambademel, Maître de Conférences, Université de Moundou, Tchad.

Benoit Gaudin, Maître de Conférences, HDR, UVSQ/Laboratoire Printemps.

Salomon Kelgue, Maître-Assistant, Université de Moundou, Tchad.

Giscard Nérade, Maître-Assistant, Université de Moundou, Tchad.

Adama Ouedraogo, Maître de Conférences, UVSQ/Laboratoire Printemps.

Epaphrodite Valansa, Doctorant, UVSQ/Laboratoire Printemps.

Datas

- As propostas de comunicações devem ser enviadas para colloque-mondou@uvsq.fr até 15 de julho de 2025.

- A resposta será dada até 31 de outubro de 2025.